

## Entrevista

### "A vontade de ser, move montanhas!"

**Maria de Fátima Matos** <sup>(1)</sup>

*Entrevistada por:*  
**Daniel Neves** <sup>(2)</sup>  
**Jéssica Ganhão** <sup>(2)</sup>  
**Elisete Diogo** <sup>(3)</sup>  
**Lorena Anile** <sup>(3)</sup>

Nesta entrevista, a Maria de Fátima Matos (MFM) percorre minuciosamente o seu percurso profissional. De uma forma espontânea, inteligente e cativante, relata-nos histórias de uma carreira marcada pela humanização, pela resiliência e força de vontade, e, acima de tudo, pelo amor à profissão de Assistente Social.

Numa conversa informal, será possível, ao ler esta entrevista, testemunhar que as nossas raízes e a nossa condição social, nunca poderão definir o nosso futuro, a menos que deixemos.

**DN – O meu nome é Daniel Neves (DN), a minha colega chama-se Jéssica Ganhão (JG), somos alunos de Serviço Social da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre. Eu estou atualmente no terceiro ano e a minha colega está no primeiro ano. Esta entrevista surge no âmbito de um artigo para uma revista científica que se chama *Aprender*, que é um projeto essencial da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto de Portalegre, tendo como principais objetivos a promoção do debate de ideias, a troca de experiências a divulgação de trabalhos de investigação a respeito das realidades educativas, sociais e culturais da região.**

**JG – É com enorme prazer que damos a início a esta entrevista, à Dra. Maria de Fátima Matos. Sabemos que a Dra. é licenciada em Serviço Social pelo Instituto Superior de Serviço Social em Lisboa, pós-graduada em Direito de Família e Menores pela Faculdade de**

(1) Assistente Social, foi Coordenadora Nacional do PIEF [Programa Integrado de Educação e Formação] e Assistente Social em Escola. É atualmente Diretora do CDSS Lisboa [Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa].

(2) Alunos na licenciatura em Serviço Social da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Portalegre;

(3) Professora na licenciatura em Serviço Social da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Portalegre

**Direito da Universidade Católica Portuguesa e pós-graduada em Mediação Familiar pelo ISPA.**

MFM – Exatamente.

**DN – Vamos então dar início às perguntas. A primeira pergunta é muito simples e nós gostaríamos apenas que nos definisse a sua carreira, que nos dissesse quais é que foram os momentos que mais marcaram a sua carreira positiva e negativamente, e o que é que é mais gratificante em exercer a profissão de assistente social...**

MFM – Vamos por partes porque a minha carreira não é muito longa, tem 25 anos, mas não é tão longa assim, há pessoas com carreiras muito mais longas, mas é muito variada. E, portanto, se eu entendi a pergunta, são os momentos mais marcantes, vamos dividir a pergunta em dois.

Primeiro, os momentos mais marcantes eu não consigo reter assim um momento porque foram muitos, felizmente, foram muitos momentos marcantes ao longo da minha carreira profissional. Eu sou assistente social por convicção, por vontade, sempre fui uma ativista dos direitos humanos desde muito nova, mesmo na escola primária eu já era a defensora dos mais frágeis, sempre que eu sentia que algum amigo estava a gozar com alguém que seria mais frágil ou com alguma deficiência ou com um problema qualquer, ou por ser pobre, eu sempre, sempre fui advogada de defesa daqueles que eram mais frágeis. E, portanto, tive sempre esta preocupação da defesa dos direitos humanos, o acesso das pessoas aos direitos sociais, tudo, e as medidas sociais que existem no sistema, e por isso a minha carreira deu-se há 25 anos, de facto como disseram muito bem eu licenciiei-me em Serviço Social, fiz o primeiro ano da licenciatura no Instituto Superior de Serviço Social no Porto, porque eu sou de Aveiro, mas depois vim acabar a partir do segundo ano em Lisboa, no Instituto Superior de Serviço Social.

A minha carreira iniciou-se exatamente há 26 anos com estágio profissional num programa que se chamava “Peres” (Programa especial de realojamento), foi um programa absolutamente fundamental no acesso na mudança da vida das pessoas, no acesso à habitação, e também tive a sorte de acabar a licenciatura, de estar na licenciatura, quando surge o rendimento mínimo garantido, portanto, o meu último ano de estágio foi feito no primeiro ano da experiência piloto na ótica do rendimento mínimo garantido na junta de freguesia do Lumiar, nos bairros da Musgueira e Galinheiras -

bairros muito complicados de Lisboa que eram barracas e, portanto, o primeiro trabalho do meu estágio foi identificar os agregados familiares por “barraca”, por habitação. Foi um trabalho muito gratificante, porque nós íamos com as equipas das autarquias para estes bairros, que eram na altura chamados “bairros de lata”, íamos identificar o número de agregados familiares existentes em cada casa e, portanto, a minha experiência de estágio foi na área da habitação social, de intervenção comunitária e também no rendimento mínimo garantido que, quanto a mim, foi talvez a melhor medida social que surgiu no nosso sistema.

## **JG – sim...Sim**

MFM – É uma medida extraordinária com todos os requisitos que uma boa medida de intervenção social tem, mas com todos os critérios, com todas as fases da intervenção social desde o diagnóstico ao plano de intervenção e depois a revisão do plano, ao envolvimento das pessoas, do ser humano no desenho, participando ativamente no desenho do seu plano de vida e, portanto, o início foi algo muito marcante.

Isto foi o início da minha carreira. Quando acabei o meu curso em 1996, comecei de imediato, no dia a seguir a acabar o curso, eu acabei no dia 29 ou 30 de julho, na segunda-feira a seguir, em agosto, comecei a trabalhar numa IPSS, que trabalhava na prevenção, na reparação e na relação com a população com problemas de adição. Era uma IPSS de Oeiras, que ainda hoje existe e que intervém com pouco, com pessoas que têm problemas de adição desde o álcool, a fármacos e a substâncias ilícitas.

E, portanto, esse foi o meu primeiro emprego, estive nesse emprego um ano, foi a área de intervenção que mais me marcou, por ter sido por eu ser muito nova e estar numa área tão exigente, exigia de nós uma grande capacidade de abstração e se calhar começar numa área tão pesada marcou-me imenso, marcou-me muito, porque era muito exigente, e era muito frustrante porque o sucesso com as pessoas que consomem e que estão nesta situação de grande vulnerabilidade é muito pequeno.

O nosso trabalho era em equipas de rua, abordávamos as pessoas, por exemplo, os arrumadores de carros, que nós sabíamos que iriam ao Casal Ventoso comprar substâncias e depois iam consumir e nós íamos ter com elas, mesmo numa situação de estarem em consumo, e o nosso trabalho era convencê-los a irem para uma comunidade terapêutica, era esse o nosso trabalho de uma equipa, uma equipa multidisciplinar com

o Serviço Social e a Psicologia e uma pessoa que também era um viador, ou seja, que era uma pessoa que estava em recuperação, uma pessoa que já não consumia há muitos anos e portanto era ali uma referência, era um facilitador na comunicação.

**DN – Um exemplo bom.**

MFM – Exatamente. No fundo era um mentor, era ali uma figura de um mentor, de alguém que já passou pelo mesmo e que está a conseguir dar a volta à sua vida. No fundo, um modelo de referência daquela instituição era o modelo Minnesota, o modelo dos 10 passos dos NA (Narcóticos Anónimos), que é um modelo terapêutico. Na altura, essa instituição seguia esse, portanto a ideia era abordar a pessoa, assumir que tinha um problema e depois de assumir que tinha um problema vamos então tratar do problema em conjunto. Só que às vezes estava a correr tudo muito bem, a primeira e a segunda semana, mas depois eles fugiam da comunidade terapêutica, lá íamos nós novamente. Mas foi muito forte, comecei logo assim numa área pesada, depois recebi um convite para ir para outra IPSS, trabalhar na área da intervenção comunitária, num programa com de financiamento europeu no âmbito dos programas operacionais que vêm com financiamento exterior da Europa, era o programa “Integrar”, era um programa também de intervenção comunitária em que nós iríamos realojar uma comunidade, portanto, retirá-la das “barracas” e colocá-la e acompanhá-la no realojamento nas novas casas. E foi esse trabalho que desenvolvi num bairro chamado bairro de São José, e as famílias eram oriundas do concelho de Sintra, e o nosso trabalho era composto por uma equipa de 6 pessoas, eu coordenava a equipa, comecei com funções de coordenação muito cedo e nesse trabalho tive uma questão que me marcou muito e vou-vos contar este episódio, porque este foi muito marcante:

Página | 15

Neste momento em que eu andava a identificar as famílias, conheci um rapaz com cerca de 12 anos que era um miúdo exemplar, tinha uma mãe fantástica cabo-verdiana, eles eram 7 irmãos, moravam numa “barraca”, portanto numa casa com péssimas condições de habitabilidade, mas em alvenaria, portanto não era em madeira, era em alvenaria, mas não tinha condições para aquele agregado, com aquele número de pessoas, aliás, lá dentro estavam dois agregados e nós precedemos ao realojamento desta família.

Esta família foi determinante depois, como exemplo no novo local no bairro de realojamento, porque este rapaz acabou por ser uma referência e por trabalhar connosco, como líder positivo para os outros rapazes. Porquê? Porque ele tinha 12 anos

quando nós o conhecemos, na altura da sinalização, e quando nós saímos do bairro, ele já tinha 16 por aí, este rapaz destes 12 anos que estudava durante o dia, trabalhava com a mãe numa padaria durante a noite e praticava kickboxing, e foi campeão europeu de kickboxing aos 18 ou 19 anos. Só para nós termos consciência que o facto de uma pessoa nascer numa família pobre poderá ter todas, se quiser, todas as condições para ir longe. Este rapaz tirou a licenciatura em Direito, foi sempre um exemplo naquele bairro, criou uma associação para ajudar jovens a seguirem o seu modelo e, portanto, serem um modelo de referência, e hoje tem um cargo ainda acima do meu. Eu tenho um cargo relativamente importante, mas hoje ele tem um cargo: pertence ao Conselho Diretivo Do Alto Comissariado Para As Migrações. É um cargo grande do qual tenho muito orgulho, ele continua a dizer que eu sou a técnica dele, ainda há pouco tempo uma amiga minha foi ter com ele e disse-lhe que a Dra. Fátima Matos lhe tinha mandado um beijinho e ele disse-lhe “era a minha técnica”, ou seja, há 20 e tal anos que nos conhecemos. Ele hoje fez a sua vida, sempre a trabalhar, a estudar e a praticar desporto e é uma referência porque foi um rapaz que trabalhou.

## JG – Hum hum...

Página | 16

MFM – Depois, a certa altura foi convidado para trabalhar num Centro Educativo, ou seja, um centro em Benfica que acolhia jovens que já tinham cometido delitos e tinham processos tutelares educativos. Começou por ser lá monitor e era um monitor muito querido, e depois passou a diretor enquanto estudava, enquanto fez a universidade. Ele chama-se José Reis, a vida dele é muito inspiradora e eu inspiro-me muito nos grandes prémios nobéis da paz, nomeadamente o Nelson Mandela, Martin Luther King.

Atualmente pertenço a uma academia que se chama Academia Ubuntu, é uma metodologia de referência humanista, muito humanista. Eu sempre fui muito interessada por estas questões dos movimentos do mundo humanistas e pratico muito esta filosofia Ubuntu. É uma grande mais-valia para os Assistentes Sociais em todas as intervenções sociais. Neste momento nós somos duas diretoras no Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa, temos à nossa responsabilidade 900 e tal trabalhadores no centro distrital de Lisboa. É o maior do país, maior do que o do Porto, portanto, por isso é que somos duas diretoras. Mas o José Reis, neste primeiro trabalho de intervenção comunitária, foi um líder comunitário, teve um papel determinado, ele e a mãe dele para as mulheres e com eles, ali com um grupo de líderes, nós conseguimos criar uma

série de atividades mobilizadoras da comunidade para a resolução dos seus próprios problemas, ou seja, eu sou muito defensora da intervenção na primeira linha, ou seja, da intervenção social preventiva através da mobilização e rentabilização dos recursos, e nós podemos fazer isso, por exemplo, através da rede social das Comissões Sociais de Freguesia e dos Contratos Locais de Ação Social.

Eu sou muito vanguardista na intervenção social mas sou muito pela intervenção da primeira linha, ou seja, eu acho que se nós prevenirmos e capacitarmos as pessoas numa fase ainda preliminar, antes dela entrar numa situação de pobreza, nós podemos evitar que aquela pessoa entre numa situação de pobreza e se a comunidade se organizar e se mobilizar, é possível nós chegarmos às pessoas com facilidade. É muito fácil chegar às pessoas, se nós criarmos uma relação empática - e o segredo para a intervenção social e para o assistente na relação com o utente é a empatia, a relação que se estabelece com os utentes. É determinante para o sucesso da intervenção.

**DN – Sim, sim...**

MFM – A seguir, estava neste programa, estive também a coordenar a área da ação social na Santa Casa da Misericórdia de Sintra, portanto numa IPSS, e foram-me desafiar para fazer o curso de formação de formadores logo que foram criados, pois achei, logo achei que aquilo podia ser uma oportunidade complementar à minha profissão de assistente social e mal tirei o curso de formação de formadores comecei a dar formação, ou seja, tinha o meu trabalho e dava formação. Quando fui tirar o curso de formação de formadores conheci um naipe de pessoas, e conhecer pessoas é conhecer oportunidades porque cada pessoa é uma oportunidade, uma possibilidade do conhecimento e eu refiro-me a utentes, a colegas de outras instituições. Qualquer pessoa que se cruze no nosso caminho é uma oportunidade de conhecer alguém que traz uma perspetiva diferente e que pode vir acrescentar alguma coisa à perspetiva que nós temos. Eu tenho esta abertura de espírito onde quer que esteja, em que cargo esteja, tive e tenho estado sempre em cargos de chefia, mas isso nunca me subiu à cabeça. Fui sempre muito simples na minha abordagem, fui sempre muito tranquila e o facto de estar em cargos de grande responsabilidade não me transformou numa pessoa diferente. Eu sou sempre a Fátima Matos que nasceu numa aldeia em Aveiro e que, por acaso, fez um percurso sempre nas áreas das Humanidades como referência de uma

humanista e defensora dos direitos humanos e, portanto, fiz o circuito sempre muito com este referencial de retaguarda dos direitos sociais e humanos.

#### **JG – Pois!**

MFM – Por ter participado nesse curso de formação de formadores conheci pessoas, e nesse curso conheci uma pessoa que, dois anos depois de nos termos cruzado no curso de formação, veio-me convidar para eu integrar um programa de interministerial que ia ser criado de raiz e que ainda hoje existe, era o PETI (Programa para a Eliminação do Trabalho Infantil). Porquê? Porque houve em Portugal uma denúncia de que, sobretudo do norte do país, havia muitas crianças a trabalhar, e havia muito absentismo e abandono escolar, e nessa altura nós fomos para o terreno. Eu fui integrar a equipa deste colega, que era professor. Essas equipas eram multidisciplinares, constituídas por um Assistente Social, um Professor e um Psicólogo, e eu sempre fui apologista da intervenção multidisciplinar, nunca unidisciplinar - nós sozinhos somos muito pouco, o que não quer dizer que não tenhamos momentos de trabalhar sozinhos com as pessoas, mas a intervenção multidisciplinar e intersectorial é aquela que eu defendo. E, portanto, tive a sorte de me ter cruzado com esta pessoa que só me conheceu naquele curso de formação de formadores, não conhecia nada de mim profissionalmente nem como pessoa, e dois anos depois essa pessoa lembrou-se de mim e veio-me convidar para este programa interministerial, e então na altura fui trabalhar para o PETI com esse colega e com outras colegas, criámos as equipas multidisciplinares de intervenção com crianças e jovens em risco, nomeadamente aquelas que estavam em situação de exploração ou de trabalho infantil, tive o privilégio de ter participado num grupo interministerial, envolvendo dois ministérios que criaram uma resposta educativa e informativa à medida destes rapazes e raparigas, destes adolescentes e jovens que tinham abandonado a escola, e nós conseguimos entre o Ministério do trabalho, a Segurança Social e o Ministério da Educação.

Em conjunto criámos um grupo de trabalho que desenhámos uma resposta educativa e formativa que se chamava, e ainda hoje existe, que se chama PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação), eu estive na génese da criação desse programa, participei, a minha Diretora era a Dra. Catalina Pestana, que depois foi para a Casa Pia. Entretanto coordenei uma zona do território da região de Lisboa e Vale Do Tejo, nessa equipa complementando na região de Lisboa e Vale do Tejo os PIEF, trabalhando com os

parceiros que podiam colaborar na inclusão e na reintegração escolar e familiar destes jovens em situação de risco ou de perigo, já com processo de promoção e proteção ou com processo tutelar educativo, alguns até tinham os dois processos em tribunal, de promoção e proteção que orienta as CPCJ e a lei tutelar educativa, que é para jovens que tenham cometido já delitos e que têm penas associadas e, portanto, os centros educativos são o equivalente às prisões para os adultos, mas para estes jovens.

Estive nesse programa durante 12 anos com muito orgulho, e comecei como técnica de equipa multidisciplinar, passei para Coordenadora do território, depois fui convidada para Coordenadora de um distrito, depois fui convidada para Coordenadora da região e depois foi convidada para Diretora Nacional. Foi o meu primeiro cargo de direção nacional, dependendo diretamente da tutela do Ministério do Trabalho e Segurança Social, na altura. Portanto, fiz o meu percurso todo, onde entrei como técnica e em 12 anos passei a diretora nacional. O meu trabalho era circular pelo país, acompanhando as equipas que integrei desde o início, acompanhando e dando formação às equipas de 218 PIEF, que existiu no território nacional na altura, onde estavam integrados 3.000 jovens com este perfil, esse também foi um momento muito marcante. Portanto, quando mudei da área de intervenção comunitária para a área de educação e formação da intervenção com crianças e jovens em risco, foi um desafio gigante, tive que me readaptar, aprendi imenso e foi nessa altura que tirei o curso, a pós-graduação - foi um curso intensivo pós-graduado, na altura chamava-se curso intensivo pós-graduado de Direito de Família e Menores, e no ISPA de Mediação Familiar. Porque eu sempre tirei formações que eu achava que eram úteis para o meu desempenho profissional enquanto técnica e que podiam complementar e acrescentar mais-valia à minha intervenção.

## **JG – Hum hum...**

MFM – Entretanto estava eu nesse programa, quando Troika impôs medidas de austeridade a Portugal, as e esse programa, que já existia há alguns anos, e foi um dos programas que acabou. A ideia inicial era que fosse integrado e foi, chegou a ser integrado na Segurança Social, mas o programa que eu dirigi a nível nacional, um programa. O programa PIEC (Programa para a Inclusão e Cidadania), que coordenava os PIEF todos a nível nacional, acabou, mas que a medida PIEF continuasse, ou seja, o programa “chapéu”, acabou porque tinham de acabar alguns programas e este já durava há algum tempo, mas a

medida PIEF teria de continuar e continuou até hoje. Entretanto, lá atrás, eu tinha concorrido a um concurso para a Segurança Social, mas desisti quando aquele meu amigo me convidou para vir para este projeto, ou seja, faltava pouco para entrar na Administração Pública (2 ou 3 meses) e desisti do concurso, preferi ir para o projeto não só porque se ganhava mais e na altura era importante, mas também porque era muito mais desafiante, então eu perdi a oportunidade de vincular a Administração Pública e quando o programa acabou, o que é que aconteceu? Eu fiquei desempregada, e, portanto, em 2011, eu fiquei desempregada, na altura não fiquei desempregada muito tempo porque o meu perfil é de não ficar desempregada, não ficar parada, mas depois vieram chamar novamente e até algumas das pessoas que acabaram o programa tiveram essa amabilidade de me virem convidar para trabalhar, mas eu, o que eu defendi, foi que se não arranjassem emprego para toda a equipa, eu não iria trabalhar. Ou arranjavam para toda a equipa ou então não arranjavam só para mim, e foi essa a minha condição e então como a proposta era arranjar emprego para mim e a minha equipa ficar fora, eu não aceitei e mantive-me desempregada como equipa e voltei à estaca zero, voltei a concorrer, fiquei 4 meses desempregada por opção, não concorria a nada, porque eu queria pensar: “ok, eu já eu já trabalhei durante 14 ou 15 anos e agora para onde é que eu quero ir? o que é que eu quero fazer a seguir?”, e então abriu um concurso para o Ministério da Educação, no âmbito dos TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), para técnicos de Intervenção Social e os Assistentes Sociais também podiam ser candidatos, como os Psicólogos e os Animadores Socioculturais. E eu concorri e entrei, e, portanto, fui selecionada no âmbito dos TEIP, para o Ministério da Educação, mas continuei sempre a dar formação. Mesmo quando eu estive desempregada, naquele período eu não podia dar porque estava a receber subsídio de desemprego, fui fazer um curso de inglês no centro de formação do IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional), e foi o que eu fiz, fui fazer o curso de formação para o centro de formação de Sintra e conheci gente fantástica, desde as pessoas que trabalhavam nas obras, até gente altamente qualificada no mesmo grupo a aprender inglês, o que foi maravilhoso, ainda hoje mantenho o contacto com algumas dessas pessoas, aprendi imenso nesses quatro meses que estive desempregada, e depois concorri então para esta oportunidade de emprego para educação no âmbito das TEIP, entrei, quando entrei a minha primeira estratégia quando eu entro numa instituição é observar, é promover, é proceder à minha integração na instituição e para nós

integrarmos numa instituição, temos que ter muito cuidado, temos que observar mais do que falar mais.

**DN – Pois...**

MFM – Portanto temos que ser muito observadores, obedecer à dinâmica institucional, e foi isso que eu fiz, perceber as dinâmicas institucionais. Comecei a perceber quais eram as sinergias que existiam internamente dentro do agrupamento de escolas, mas também comecei a interrogar-me, “mas espera lá, mas a comunidade aqui na zona também participa nas atividades escolares da escola?” e percebi que não. Então passado 6 meses de lá estar, fui apresentar um projeto ao meu diretor dizendo que queria integrar as comissões sociais de freguesia das duas freguesias em Lisboa, foi num agrupamento de escolas de Lisboa que respondia a vários bairros sociais e eu pensei “então se a maioria dos nossos alunos são provenientes destes bairros sociais, nós temos que trabalhar com estas populações e a Assistente Social que está dentro da escola não pode só estar virada para dentro da escola, tem que se abrir à comunidade”, e então eu propus esse projeto ao meu diretor e o meu diretor, na sequência desse projeto, pediu-me para coordenar uma equipa e criar um espaço. E eu criei o GIPS (Gabinete de Intervenção Psicossocial), e coordenei a equipa, pessoas que já lá estavam há trinta e tal anos, eu passei a ser a coordenadora dessa equipa.

Nas equipas estavam Professores, Psicólogos e eu, enquanto Assistente Social, mas a minha ousadia em apresentar um projeto à direção fez com que me convidassem de imediato para coordenar a equipa, criar o projeto, e eu criei o GIPS, e eu o que é que fiz? Fui provando progressivamente que para o sucesso escolar destes alunos é preciso ensinar quem não quer aprender, e aquela máxima de “é preciso uma aldeia para educar uma criança”, eu acredito profundamente nela, até porque eu sou o resultado dela, eu também venho de uma família simples, de uma aldeia com recursos económicos baixos e, portanto, sempre acreditei que era possível ir mais longe, mas na minha aldeia havia pouca gente que acreditava, dado que a minha família era numerosa - éramos 8 irmãos, o meu pai era imigrante e, portanto, algumas pessoas da minha aldeia nunca acreditariam que eu hoje seria o que sou, mas depois também me deu muito gozo ser notícia na comunicação social da aldeia já várias vezes, ser convidada pelas minhas autarquias para ir participar em encontros enquanto oradora, dá imenso gozo quando nós vimos de famílias simples. Porque eu não concordo, como disse em relação ao José

Reis, que o facto de nós nascermos de uma família mais pobre, ou com menos recursos, determina o nosso destino ou a nossa vida, não é verdade. Se nós convivemos e nos relacionarmos com as pessoas certas e acreditarmos que é possível, nós podemos ir até ao infinito e mais além. Esta é a minha máxima que sempre orientou a minha vida pessoal e profissional, sou bem positiva, sou pelo Serviço Social positivo, pela intervenção comunitária positiva e, portanto, foi isto sempre o referencial da minha intervenção.

## JG – Hum Hum...

MFM – Criei o GIPS, estava lá já há 5 anos, abri a escola à comunidade, criei vários projetos, aquele foi o primeiro de muitos, uso a comunidade para participar com os alunos em vários projetos. Vou-vos dar dois exemplos, o projeto que se chamava “Projeto Alfazema”, era um projeto de desenvolvimento de competências pessoais, sociais, e pedagógicas, só que era através da hortofloricultura e quem é que eu envolvi? Envolveria os espaços verdes da Câmara Municipal, os espaços verdes da Junta de Freguesia e concorremos a uma horta comunitária que ficava perto da escola, aquele passou a ser um projeto comunitário e de desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Eu não acredito muito no desenvolvimento de competências pessoais e sociais, que é uma das funções do Assistente Social - é ajudar e promover as competências pessoais e sociais - eu não acredito que isso faça só numa sala ou num gabinete, eu acho que isso tem que se fazer em contexto real, em contexto comunitário. Então criámos o Projeto Alfazema, a equipa criou o Projeto Alfazema, quem é que eram os formadores? Eram hortelãos vizinhos, senhores que já estavam reformados e que tinham as hortas ao lado, eles passaram a ser os formadores dos nossos alunos. E esta interação intergeracional foi maravilhosa e teve um impacto brutal no desenvolvimento de competências pessoais e sociais destes jovens, que tinham elevado absentismo escolar e que foram direcionados para cursos vocacionais que tinham de ter necessariamente uma parte prática, porque alunos, com este perfil, não aguentam muito tempo em sala de aula e, portanto, nós tínhamos de ser criativos - eu consegui mobilizar a equipa para que nós fizessemos uma parte do dia fora da sala de aula.

Se calhar, na minha altura, seria uma aluna hiperativa, porque a certa altura já me estava a mexer imenso na cadeira, já não conseguia estar a aguentar aquelas aulas muito pouco interessantes, quer no ciclo, quer no liceu, quer depois no secundário. Bem, criámos um

outro projeto também com a comunidade (foram sete ao todo) em que convidámos duas instituições na área da saúde mental, com adultos doentes mentais a virem trabalhar com os nossos alunos dos cursos vocacionais, num projeto a que chamamos “Abraçar O Vento”, e este projeto era como? Os alunos, a respetiva família, uma escola náutica, um clube náutico que ensinava os alunos a fazerem vela, a velejar, e a construir canoas. A construção de canoas era feita em conjunto entre os alunos com deficiência e com problemas de doença mental, e com os nossos alunos, e esta interação entre os nossos alunos que tinham dificuldades de aprendizagem, défice de atenção, problemas comportamentais, absentismo escolar, a relação deles, a interação com estes com estas pessoas, com estes adultos com deficiência e com problemas de doença mental, com estes dois grupos a construírem canoas aconteceu magia, e foi mais um programa de desenvolvimento de competências pessoais e sociais.

Mais tarde as famílias foram envolvidas, algumas famílias foram envolvidas. Havia imensos miúdos que gostavam de percussão e criamos um grupo musical na escola de percussão em que todos os instrumentos foram financiados pela comunidade, por instituições e empresas da comunidade. E, portanto, foi outro projeto que nós fizemos.

**DN – Sim, pode continuar...**

MFM – Não, vou mesmo acabar porque agora vem a parte em que estou agora. Então estava aqui eu na coordenação do GIPS, criámos também para além destes projetos a interação com a comunidade, no sentido de criarmos perspetivas de empregabilidade e de formação para estes alunos, ou seja, fazíamos orientação vocacional desses alunos e eles depois integravam respostas educativas e formativas com subsequentes, com o nível secundário ou com o nível de terceiro ciclo, mas a maioria prosseguiu estudos, desde que a escolaridade obrigatória passou a ser o 12º ano, mas o facto de a escola integrar as duas comissões sociais de freguesia daquelas duas freguesias de Lisboa, que era Campolide e Avenidas Novas, o facto de interagir com as instituições da comunidade, o facto de ter aberto a escola à comunidade, fez com que nós tivéssemos oportunidade de ter uma pedagogia com esta população, com estes jovens em risco (alguns deles em perigo e alguns deles em situação de questões criminais no âmbito da lei tutelar educativa), foi possível chegar, e uma das pessoas que eu convidava sempre para vir falar a estas turmas adivinhem lá quem era como pessoa inspiradora...

**DN – Ah ah ah**

MFM – Conteí no início da minha história, quem?

**DN – O José Reis...**

MFM – O José Reis era sempre uma das pessoas que eu convidava.

**DN – Peço desculpa, nessa altura já estava formado?**

MFM – Nessa altura já estava formado, já tinha mestrado!

**DN – Ok.**

MFM – Ah ah ah...e então convidava também a Cláudia Semedo, a atriz e jornalista, porque ela também veio de um bairro de Oeiras, um bairro complicado, combinava sempre estas duas pessoas inspiradoras, e depois apliquei com estes jovens da Academia Ubuntu e criei um projeto que se chamava “Vidas Ubuntu”, que se baseia no conceito africano cuja máxima é “eu sou pessoa porque tu és pessoa”, este é o referencial da filosofia Ubuntu.

Estava eu “tranquilinha” da minha vida aqui, uma amiga minha veio-me desafiar para com ela comprarmos um lar de idosos, em Cascais, e, portanto, estava eu na educação e torno-me empresária, e compro um lar de idosos privado em Cascais. E em simultâneo eu fui empresária, gestora e diretora técnica do lar de idosos, coordenadora do GIPS e formadora do Ministério da Educação, que andava pelo país também a convite da Direção-Geral Da Educação a dar formação. Portanto, comprei o lar, conciliei durante quatro anos, quando estava eu mudar a minha vida de Lisboa para Mafra, a mudar também a minha vida pessoal, a achar que já queria estar um bocadinho mais calma, a tutela do senhor Ministro e na altura a Secretária De Estado convidou-me pra vir para aqui, como Diretora Adjunta Do Centro Distrital De Lisboa Da Segurança Social e eu ponderei muito, devo dizer-lhes, porque eu sabia que iria ser o maior desafio de sempre, iria ser o mais exigente de sempre, iria ser aquele em que eu iria ser posta mais à prova em todas as áreas, seria aquele em que eu deixaria de ter a intervenção direta - que é o que eu amo fazer da minha vida, é, eu gosto de ser Assistente Social do terreno, da intervenção direta. Mas quem me convidou considerou que o perfil que queria para a Direção Do Centro Distrital De Lisboa - que é o maior do país - queriam que tivesse alguém na área da economia de gestão, mas também queriam que viesse alguém da área do Serviço Social, da Intervenção Social, e que tivesse esta visão comunitária

vanguardista e que fosse uma pessoa com uma abrangência, que conseguisse trabalhar com todas as áreas e que tivesse alguma capacidade de negociação com os parceiros, e foram-se lembrar de mim, eu fiquei muito honrada e orgulhosa, porque não estava à espera, mas, pelos vistos, durante o meu percurso profissional, eu fui-me cruzando com pessoas pouco tempo, mas pelos vistos marquei-as - mas eu não tinha consciência disso, não fiz de propósito, parece que passei pela vida das pessoas e fui marcando-as, e as pessoas que me convidaram para vir para aqui como diretora só se cruzaram comigo duas vezes, também em momentos muito pontuais, como oradora num seminário e como formadora num curso de formação rápido, de uma semana de uma ação de formação, mas depois acharam eu tinha perfil para diretora do centro distrital, não me conheciam, só sabiam que eu era empresária e que tinha um lar de idosos, trabalhava na educação, coordenava uma equipa, mas acharam que tinha competência para vir dirigir e participar na direção do maior centro distrital do país.

E é onde eu estou hoje, estou cá desde julho de 2019 com muito orgulho e honra, tenho imenso orgulho em trabalhar na Segurança Social, é a maior casa, a casa mais interessante, é a casa que tem, com a saúde, mais Assistentes Sociais a trabalhar, à exceção do setor social e solidário, e tenho à minha responsabilidade tudo o que é intervenção social do distrito de Lisboa e cooperação, e os programas comunitários, por exemplo, os CLDS, os contratos locais de desenvolvimento social, eu tenho à minha responsabilidade a direção do distrito de Lisboa, portanto, agora tenho oportunidade de, com as minhas equipas, conseguir pôr em prática e dar uma dinâmica aqui à intervenção social da segurança social que é um bocadinho administrativa.

De facto, não é administrativa, o rácio de processos por técnico é tão elevado que nenhum técnico tem capacidade, não consegue, por exemplo, imaginem só, para vos dar exemplo, um técnico que intervém com crianças e jovens em risco que tenha mais que 50 processos nas suas mãos nunca fará um bom trabalho, porque é impossível. É impossível um técnico de intervenção social, ou mesmo uma equipa, fazer um trabalho de qualidade com aquela criança, ou com aquelas crianças, ou com aquela fratria e com aquela família...

**DN – Sim.**

MFM – Eu defendo no máximo que cada técnico tenha - e já acho muito - 40 processos no máximo.

## **DN – Exige muita atenção...**

MFM – Exige muita atenção, exige muito trabalho individual com cada elemento das famílias, e por isso é que a questão familiar do tal curso pós graduado que eu fiz de Mediação Familiar também me ajudou muito na intervenção com as famílias, porque é preciso mediar as relações, é preciso que as pessoas, por exemplo, que decidem se divorciar, que não se divorciem zangados e que nunca utilizem os filhos e as crianças como arma de arremesso, e isso era um bocadinho o meu papel, era muito, era ajudar as pessoas a refletirem sobre esta questão e a intervenção com as famílias passava muito por aí, por trabalhar com as fragilidades individuais ou as fragilidades enquanto um todo, mas também com as potencialidades individuais e com as potencialidades da família enquanto um todo.

Neste momento com a minha colega diretora, Dra. Gabriela Real, dirigimos cerca de 950 trabalhadores no centro distrital de Lisboa, cada uma tem a sua área de responsabilidade, eu tenho mais o desenvolvimento social e tudo que é sem abrigo, refugiados, crianças e jovens em risco, adoção, cooperação (setor social), portanto todas as instituições, respostas sociais, são 2800 do distrito de Lisboa, não sei quantas são em Portalegre, mas devem ser para aí 60 ou 70, não faço a mínima ideia, mas só para vocês terem ideia da diferença.

Pois trabalhar com todas as autarquias, agora que vamos ter a transferência de competências para as autarquias, trabalhar com as redes sociais, com as reuniões de flash, e portanto este é um trabalho, trabalhar com todos os nossos pares de âmbito regional e distrital do IEF, da saúde, da ARS, com a saúde mental, com equipa da saúde mental da coordenação da saúde mental regional e com todas as comissões da rede nacional de continuados, eu tenho os lares de idosos, eu tenho os lares residenciais, os lares de acolhimento de crianças e jovens em risco, que são retiradas às famílias pelo tribunal, portanto, tenho toda essa área, as minhas equipas, à minha responsabilidade de decisão neste médio de direção neste momento, e este é o grande desafio que tenho neste momento, mas chegados aqui é onde eu estou hoje, colaborando pontualmente, sempre fui orientadora de estágios, agora não é muito fácil de ser porque trabalho muitas horas por dia e tenho que estar disponível, como tenho a emergência social, aquela linha 144 no distrito de Lisboa, como devem calcular o sítio no país onde há mais sem abrigo e mais pessoas na rua, é onde existem mais pessoas no país, portanto,

distrito Lisboa, nós, o nosso telefone tem que estar disponível 24 horas e eu tenho equipas, técnicos, que estão rotativamente disponíveis em horários, em turnos, para responderem sempre às chamadas e encontrarem uma solução para aquela pessoa que está com um problema de violência doméstica, por exemplo, fazer uma retirada, desalojamentos, uma série de questões de emergência com a qual nós temos cuidado todos os dias. Este é um grande desafio neste momento, neste momento integro também no âmbito da COVID, da intervenção COVID, que eu não podia vir para aqui, por um lado num pior momento enquanto diretora porque com muitos recursos é fácil ser diretor, dirigir uma instituição com recursos numa época em que há menos recursos é mais difícil, temos de ser mais criativos, temos que gerir criteriosamente e com muita disciplina e rigor os recursos que temos financeiros, humanos e materiais, esse é o grande desafio. Além disso, a COVID veio introduzir quarenta e tal medidas novas que a Segurança Social está a operacionalizar de carácter excecional, e que com os mesmos recursos humanos que a segurança social tinha. Hoje tem-se de responder a mais 42 respostas/ medidas de carácter excecional, no âmbito da COVID e, portanto, imaginem o que é, aqueles colegas que tinham os cento e tal processos, hoje ainda têm que ter mais esta intervenção.

Então é muito difícil, é muito exigente mas é muito desafiante, eu gosto muito de estar na direção do Centro Distrital De Lisboa e portanto colaboro com as universidades todas de serviços ao que me convidam, e vou lá falar, mas não consigo dar aulas porque entretanto tive que deixar o meu doutoramento, desde que vim para aqui, portanto eu não dou aulas, colaboro pontualmente, não recebo nada, é sempre pro bono, mas gosto muito de partilhar o meu percurso porque acho que posso ser inspiradora e, eventualmente, dos alunos que estão em Serviço Social, agora desculpem lá a minha arrogância, a minha imodéstia, mas eventualmente o chegar, o tocar no pensamento das pessoas e alertá-las para o quanto é difícil ser assistente social, mas em simultâneo o quanto é desafiante e também gratificante. E era assim que eu gostaria de acabar - e eu peço desculpa porque não fizeram conversa, porque eu fiz a minha história do meu percurso profissional do princípio até ao fim, não sei o que é que vou ser amanhã, sei que nos próximos cinco anos em principio vou continuar aqui, portanto, também fui nomeada através do concurso por cinco anos, e depois logo se vê, como eu não tenho vínculo à administração pública, eventualmente posso ficar outra vez desempregada, vocês depois se tiverem a dirigir uma IPSS têm que me convidar para trabalhar, mas eu

não tenho medo, eu não fico colada à questão da vinculação, não tenho medo, eu gosto de trabalhar, sei fazer imensas coisas porque a minha mãe ensinou-nos a fazer imensas coisas, adoro cozinhar, adoro agricultura, adoro jardinagem, adoro passear, eu adoro fazer imensas coisas e sei fazer imensas, das mais difíceis às menos difíceis.

## **JG – Não tem medo de trabalhar...**

MFM – E gosto de trabalhar, portanto se eu ficar desempregada também não terei qualquer problema em recomeçar de novo, como aconteceu tantas vezes, a minha vida e a vida tem-me gratificado com estes convites para cargos de grande dirigente, sem eu ter feito nada por isso apenas ser, penso eu, uma boa profissional.

**DN - Numa entrevista que deu à Visão, referiu, e passo a citar: «ao criar condições de estabilidade de uma família, estou a ajudar a criar bem-estar e isso melhora a sua vida e a dos filhos, nossos alunos.» Dito isto, considera que é tão ou mais importante trabalhar com os pais de crianças/jovens em situações de vulnerabilidade, como que diretamente com as próprias crianças/jovens?**

MFM – É importante trabalhar com todos os elementos de uma família e às vezes temos que ir para além do núcleo principal, temos que ir às vezes à família, até à família alargada porque depende de cada situação, nós temos que fazer um bom diagnóstico, eu ainda não falei nisto: o segredo é fazer um bom diagnóstico, e fazermos um bom diagnóstico não é só elencarmos e identificarmos as fragilidades e as necessidades, fazer um bom diagnóstico é identificar as fragilidades e as necessidades de cada elemento daquela família, mas também identificar as potencialidades, o que é que eles sabem fazer, o que aqueles gostam de fazer, o que eles gostariam de fazer, cruzando estes interesses tentar desenhar um plano de intervenção, um programa de intervenção que vá de encontro aos interesses das pessoas, às motivações, respeitando aquilo que gostam de fazer, o seu contexto, e portanto eu considero que é muito importante trabalhar todos os elementos da família. O aluno, na altura quando eu dei essa entrevista, o aluno era apenas o pretexto.

## **DN – Sim.**

MFM – Era a porta de entrada, era o primeiro elemento a ser trabalhado, mas depois necessariamente tem que se trabalhar não só com a família, mas também com a

comunidade, a comunidade onde essa criança e essa família está integrada também tem que ser trabalhada por nós.

OK? Muito bem.

**JG – Qual a problemática com a qual, no seu percurso, mais vezes teve de intervir?**

MFM – Crianças e jovens em risco e em perigo, crianças com vidas muito complicadas, com problemas muito graves, aquela que eu tenho mais dificuldade e consigo ser isenta é lidar com agressores e com abusadores, mas também já lidei, e para mim todos são cidadãos independentemente do seu percurso. Essa tem que ser a máxima do Serviço Social, independentemente do seu percurso, temos que dar a oportunidade às pessoas de mudar, todas as pessoas podem mudar se quiserem, claro que depois podemos ter que lidar muitas vezes com problemas de doença mental, ao nível da saúde mental, como psicoses, esquizofrenias que fazem com que as pessoas sejam violentas, surtos psicóticos, e por isso o que tenho mais dificuldade é de facto em lidar com as vítimas e com os abusadores, e eu já tive que lidar com as duas, às vezes em presença, e essa foi a parte mais difícil do meu trabalho até hoje, mas com o tempo, com o treino, nós próprios também vamos criando capacidade de resiliência e de lidar com as situações de uma forma mais racional e isenta, não sermos muito emocionais porque não ajuda muito as pessoas emocionais serem Assistentes Sociais, até rimou, mas a parte da violência da vítima e dos abusos é a parte pior para mim até hoje.

Página | 29

**JG – Com a abertura da Ordem dos Assistentes Sociais, como pensa que a mesma vai influenciar o Serviço Social, e em específico, a Educação?**

MFM – Como sabem, eu integro os órgãos sociais da APSS e foi a APSS que fez parte desse processo, da criação da Ordem, não integro a equipa principal porque primeiro não tenho tempo, e segundo também nunca aceitaria uma responsabilidade dessas sem ter disponibilidade, por isso é que estão sobretudo pessoas em que três delas apresentadas, porque são pessoas com tempo, mas que são referências para os Assistentes Sociais Nacionais, como a professora Fernanda Rodrigues, é uma referência para os Assistentes Sociais nacionais, a professora Joaquina Madeira é uma referência para todos os Assistentes Sociais neste país, a professora Júlia Cardoso é uma referência para todos os Assistentes Sociais nacionais, não interessa de onde vêm, do Porto, Portalegre, Lisboa, isso não interessa, o que interessa é que foram pessoas que, pelo seu percurso

profissional e pelos cargos que desempenhavam na comissão instaladora. Por isso, quem está são sobretudo pessoas que tiveram cargos, tiveram percursos profissionais muito diversificados, mas muito reconhecidos, e por isso nós, Assistentes Sociais, temos que confiar. A questão que pode criar aqui alguns obstáculos são outras profissões na área Social que não têm Ordem e que, entretanto, começaram a criar algum ruído na comunidade. Acho que nós, ao criarmos a Ordem, vamos anular oportunidades deles de trabalharem nessas áreas.

**DN – Claro.**

MFM – Nós não vamos anular, o que nós vamos fazer é circunstanciar e limitar as áreas, clarificar, no fundo é clarificar a intervenção dos Assistentes Sociais, nós existimos exatamente para quê? E com quem? Portanto eu acho que a ordem pode vir ajudar a clarificar, a definir limites na intervenção dos Assistentes Sociais, a clarificar o que são Assistentes Sociais, porque há muita gente a autointitular-se Assistentes Sociais e não são. Portanto, todas essas pessoas acham que são assistentes sociais, não são. Assistentes sociais somos nós. E, portanto, isso tem que se clarificar, mas nós vamos ter dificuldade porque não estávamos à espera de que algumas pessoas tivessem algum tipo de reação, e são pessoas com algum peso político e isto pode criar aqui alguns obstáculos. É importante clarificarmos qual é o nosso papel, as nossas atribuições, as nossas funções, eu acho que só para ajudar a dignificar cada vez mais a nossa profissão. Nós não nos podemos esquecer que no tempo em que eu tirei o curso havia muito emprego para os Assistentes Sociais, e não havia tanta concorrência, agora é muito mais difícil arranjar emprego, é muito mais difícil concorrer porque há imensos cursos da área social que concorrem para o nosso campo de ação, e é importante definir bem o campo de ação, os limites do campo de ação.

**DN – Para finalizar, gostaríamos de perguntar-lhe: como prevê o Serviço Social num futuro longínquo, daqui a 10 anos, por exemplo, em termos globais?**

MFM – Eu não sei como é que vai estar daqui a 10 anos, mas eu tenho muita fé e muita confiança na nova geração de Assistentes Sociais. Até pelos estagiários que tenho tido e que têm passado por mim, eu acho que vocês estão muito bem preparados, talvez onde falha um bocadinho, eventualmente, mas não lhe chamem falha, eu talvez é que na altura quando eu acabei o curso havia mais coesão e união. Neste momento, não estamos tão unidos, para já porque existem muito mais faculdades com Serviço Social, existem muito mais

peçoas a serem licenciadas em Serviço Social. Portanto, concorrer com este estudo é muito mais difícil para vocês, eu acho que o grande desafio passa muito por conseguirmos a nossa Ordem, empenhem-se nisso, não se envergonhem de serem Assistentes Sociais, digam “Eu sou Assistente Social com muito orgulho!”, porque existem Assistentes Sociais com cargos de muita responsabilidade e esses nomes que eu disse são várias pessoas, eu própria também já tive duas vezes em cargos de responsabilidade, uma nacional e outra no distrito de Lisboa, e sou Assistente Social, e, portanto orgulho-me imenso da minha profissão e tenho muita confiança na nova geração de Assistentes Sociais.

Portanto eu acho que o Serviço Social daqui a 10 anos vai estar bem, “recomenda-se”, mas é muito importante que a ordem fosse, de facto, aprovada, e cabe também a vocês fazerem esse trabalho, para também definir claramente, porque isso vai facilitar depois em termos de concursos, porque existem concursos públicos (concursos que abrem, câmaras, autarquias, IPSS), que confundem as profissões, elas próprias, os empregadores confundem as profissões e a maior parte das direções técnicas das IPSS eram Assistentes Sociais, hoje já não é bem assim, mas a maior parte do país, eu acho que ainda é, mas ainda assim, das visitas que eu faço e como eu sou a responsável por estas mil e muitas no distrito de Lisboa, já encontro muita gente que não é Assistente Social à frente de instituições do setor social e solidário, portanto, é por aí a vossa luta. Não entrem em lutas que não têm interesse e não desperdicem muito o vosso tempo, o tempo é precioso e eu gostava que os meus dias tivessem 48 horas, tenho muito pouco tempo para dedicar à minha família, mas o tempo que tenho quero que seja de muita qualidade.

Portanto, se forem ao meu *Facebook*, percebem que eu sou uma Fátima diretora da Segurança Social, mas depois tenho uma Fátima com uma vida porreira, onde eu gosto de fazer as coisas como as outras pessoas, como qualquer pessoa, como um cidadão comum que gosta de viver a vida e que gosta de coisas boas da vida.

**DN e JG: Muito obrigado.**